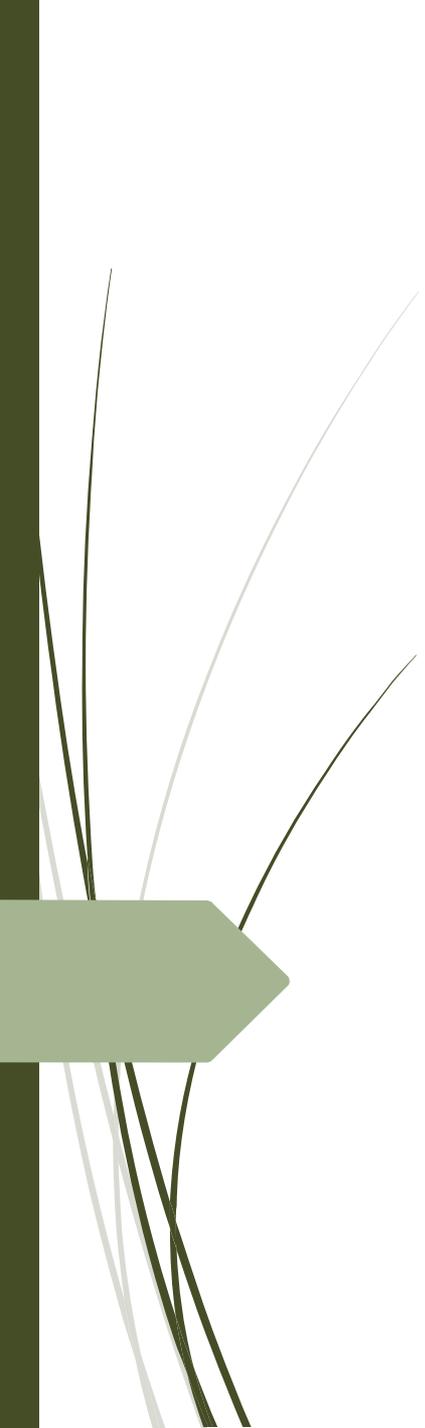


# São Paulo e o renascimento agrícola

Do final do período colonial



# A economia brasileira

no final do século XVIII



# Panorama geral no final dos Setecentos

- Queda nas exportações
  - 1760: +/- 5 milhões de libras
  - 1775-1800: +/- 3 milhões
- Queda no preço do açúcar
- Diminuição das extrações de ouro (+/- 500 mil libras)
- Aumento populacional



*A renda per capita, ao terminar o século, provavelmente não seria superior a 50 dólares de poder aquisitivo atual – admitida uma população livre de dois milhões – sendo esse provavelmente o nível de renda mais baixo que haja conhecido o Brasil em todo o período colonial.*



## Economia brasileira no final do século XVIII

- Articulada em torno de dois polos principais: o açúcar e o ouro
- Dois centros autônomos no norte: Maranhão e Pará
- Furtado: produção para exportação beneficiada pelo contexto mundial
- Caio Prado: exportações beneficiadas, pelo menos em parte, por uma mudança estrutural no contexto internacional



# Furtado: conjuntura externa favorável

- Guerra da independência dos Estados Unidos, 1764-1789: arroz e algodão
- Revolução industrial inglesa: aumento na demanda por algodão
- Revolução Francesa: desorganização da produção colonial de artigos tropicais
- Revolução no Haiti, 1789



*Dessa forma, praticamente todos os produtos da colônia se beneficiaram de elevações temporárias de preços. O valor total da exportação de produtos agrícolas praticamente duplica entre os anos oitenta do século XVIII e o fim da era colonial, aproximando-se dos quatro milhões de libras.*



*Entretanto, essa prosperidade era precária, fundando-se nas condições de anormalidade que prevaleciam no mercado mundial de produtos tropicais. Superada essa etapa, o Brasil encontraria sérias dificuldades, nos primeiros decênios de vida como nação politicamente independente [...]*



# Caio Prado: mudança estrutural no mercado mundial

- 
- Crescimento da população europeia
  - Incremento do comércio internacional
  - Revolução industrial
  - Alargamento dos mercados, valorização dos produtos coloniais
  - Mais os conflitos transitórios (tal como apontado por Furtado)



*Isso se reflete intensamente no mundo colonial. Seus mercados se alargam, seus produtos se valorizam. [...] Quem estará então bem colocado é Portugal. Potência já então de segunda ordem entre os países coloniais da Europa [...] Durante certo tempo dominou mesmo o comércio colonial, e com isso recobrou uma posição que desfrutara dois séculos antes, e que parecia já irremediavelmente perdida para sempre.*

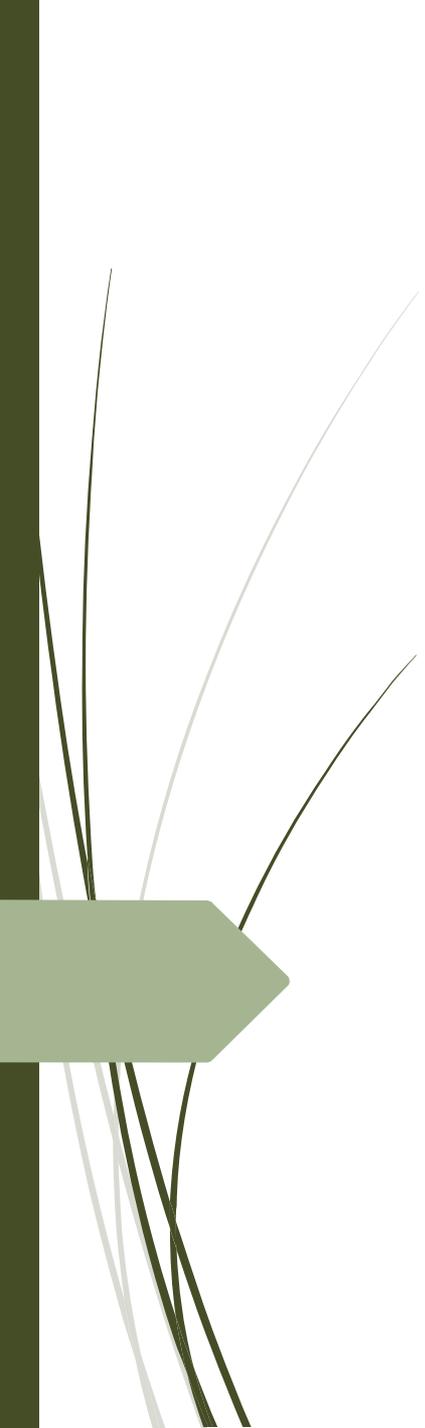


# O aumento na demanda por algodão

- Progressos técnicos na Inglaterra fazem crescer a demanda pelo produto
  - Fuso de Arkwright (1769)
  - Máquina à vapor de Watt (1769)
  - Tear de Cartwright (1787)
- Aumento no consumo
  - 1771-1775: 4,76 milhões libra-peso
  - 1791-1795: 26 milhões de libra-peso

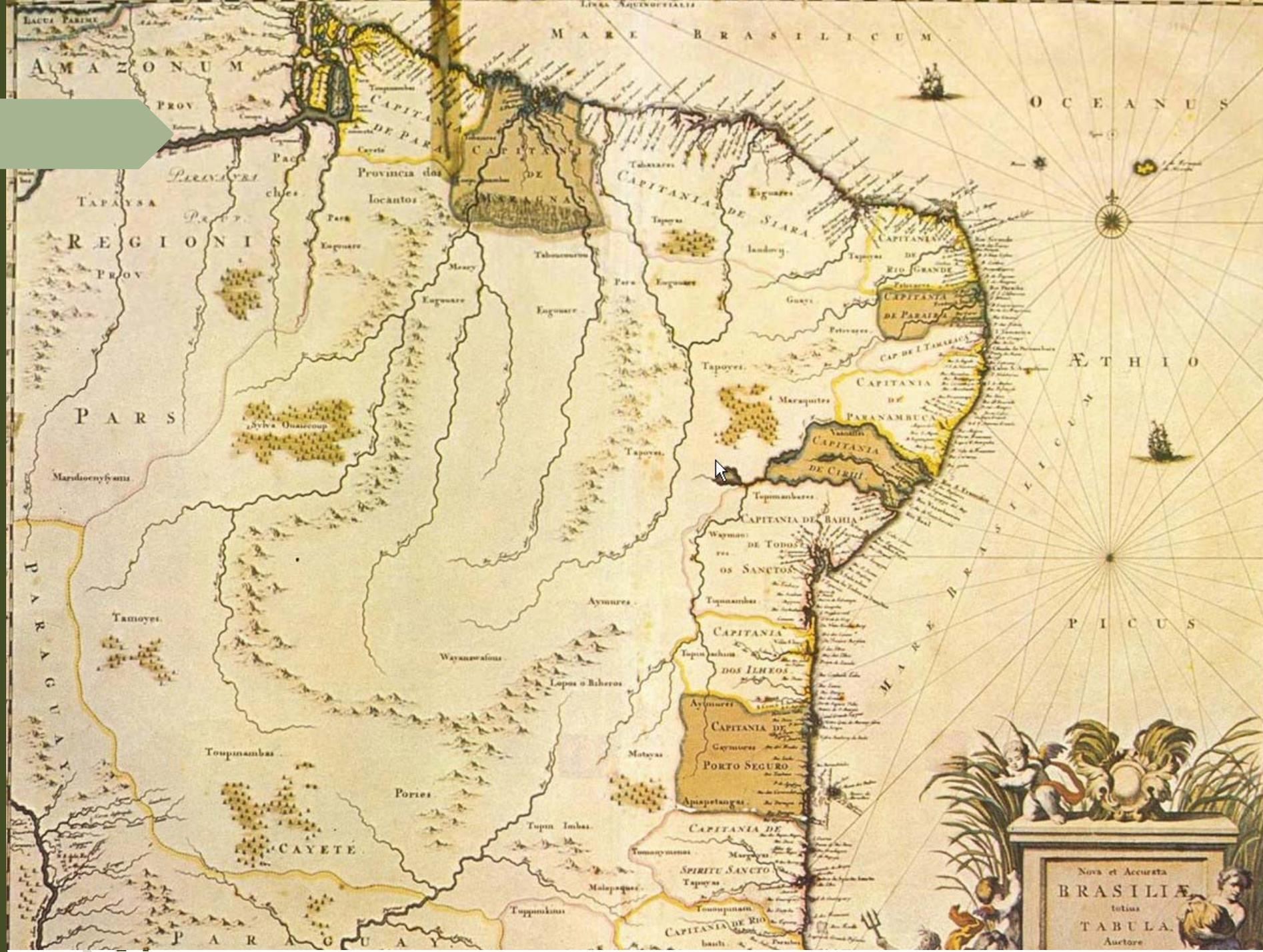


*Já não bastavam para esse volume considerável os antigos e tradicionais fornecedores do Oriente; e a América, aproveitando suas reservas imensas de terras virgens, virá preencher a falta e tornar-se-á o grande produtor moderno do algodão. O Brasil terá sua parte, que a princípio não é pequena, nesse surto sem paralelo no passado do comércio algodoeiro.*



# O renascimento agrícola no final do século XVIII

Algodão, arroz e açúcar no final do Setecentos



NOVA ET ACCURATA  
**BRASILIÆ**  
TOTIUS  
TABULA.  
AUCTORE





*Em 1499 ou 1500, navegadores a serviço da Espanha descobriram o Rio Amazonas. [...] Somente em 1616, mais de um século depois, com a construção da Casa forte do Presépio de Santa Maria de Belém por Francisco Caldeira de Castelo Branco, a bandeira portuguesa viria a tremular na Amazônia. Embora navegado por espanhóis, ingleses, holandeses e franceses, seria Portugal quem se apossaria das duas margens e da maior parte da bacia hidrográfica amazônica.*

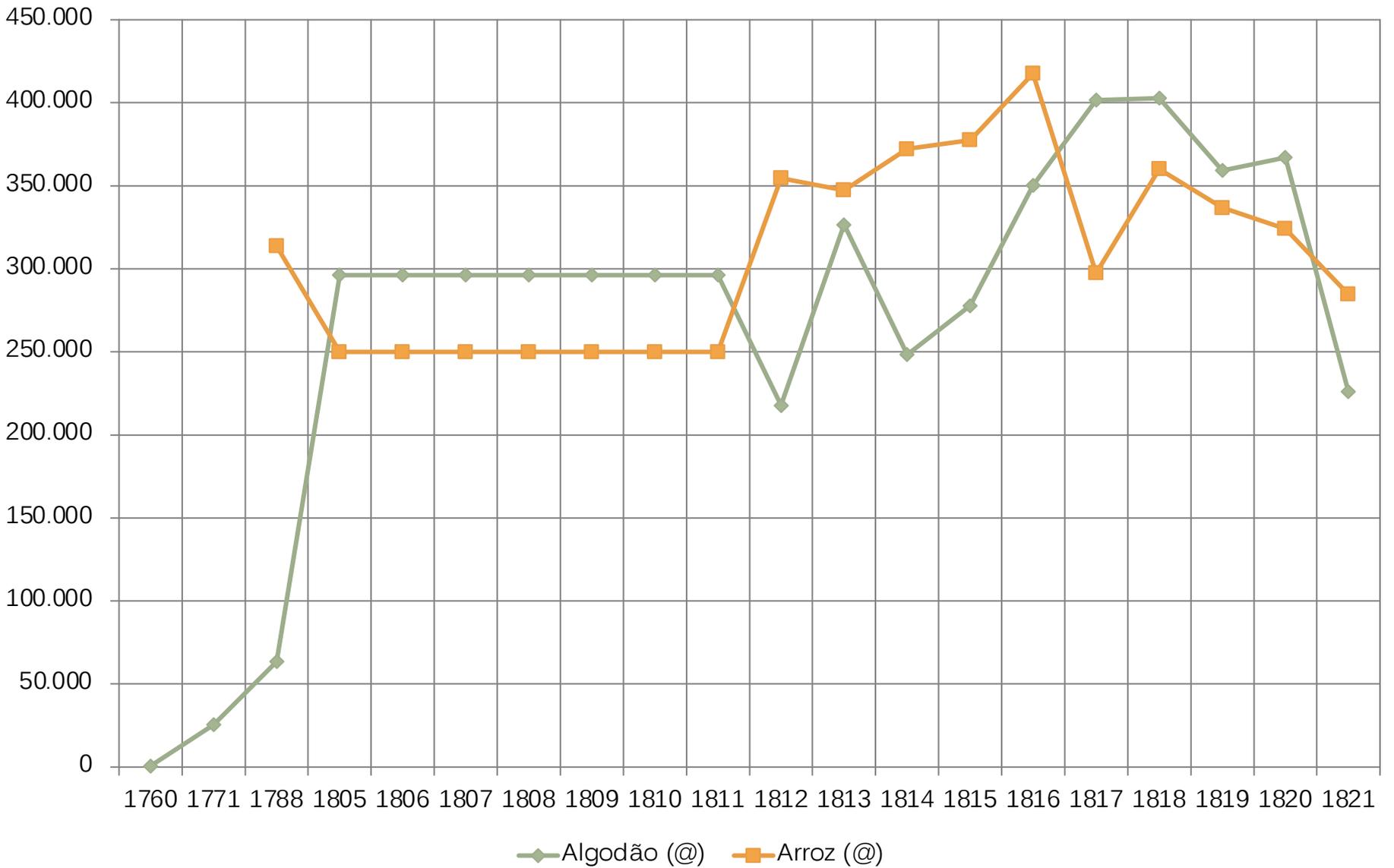


# O algodão e o arroz no Maranhão

- Criação da Companhia do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, 1755
  - Monopólio do comércio de exportação
  - Monopólio do tráfico de escravos
- Expulsão dos Jesuítas
- Introdução de meio circulante
- Incentivo para a produção de algodão e arroz

Ano	Quantidade Exportada - Maranhão	
	Algodão (@)	Arroz (@)
1760	651	-
1771	25.473	-
1788	63.510	313.744
1805-1812 (média anual)	296.298	250.000
1812	217.754	354.646
1813	326.693	347.405
1814	248.385	372.252
1815	277.879	377.605
1816	350.258	417.617
1817	401.729	297.417
1818	402.793	360.093
1819	359.280	336.746
1820	367.193	324.121
1821	226.118	284.721

Exportações de Algodão e Arroz. Fonte: SIMONSEN, Roberto. História Econômica do Brasil. 8ª. Ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978, pp. 343-345.



**Maranhão: exportações de algodão e arroz**

Fonte: SIMONSEN, Roberto. História Econômica do Brasil. 8ª. Ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978, pp. 343-345.

Ano	Número de Navios	Entrada de Africanos
1760	3	-
1771	10	-
1811	87	45.447
1812	79	
1813	80	
1814	105	
1815	131	
1816	151	
1817	155	
1818	144	
1819	133	
1820	98	
1821	143	
1822	114	

MARANHÃO: entradas de navios e africanos.

Fonte: SIMONSEN, Roberto. História Econômica do Brasil. 8ª. Ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978, pp. 343-346.



## O algodão no restante da colônia

- Disseminação incentivada pelas facilidades de produção e a adequação a uma menor escala
  - Outros centros produtores são Pernambuco, Paraná, Rio Grande do Sul, Ceará, Bahia, Minas Gerais
  - Cultura interiorana, em regiões de clima mais seco, com chuvas menos frequentes e mais regulares
  - Alternativa agrícola para regiões que antes só haviam conhecido o pastoreio e a mineração
- 

# Brasil: exportações de algodão, 1821-1889

Quantidades em arrobas. Fonte: Séries Históricas. IPEADATA.



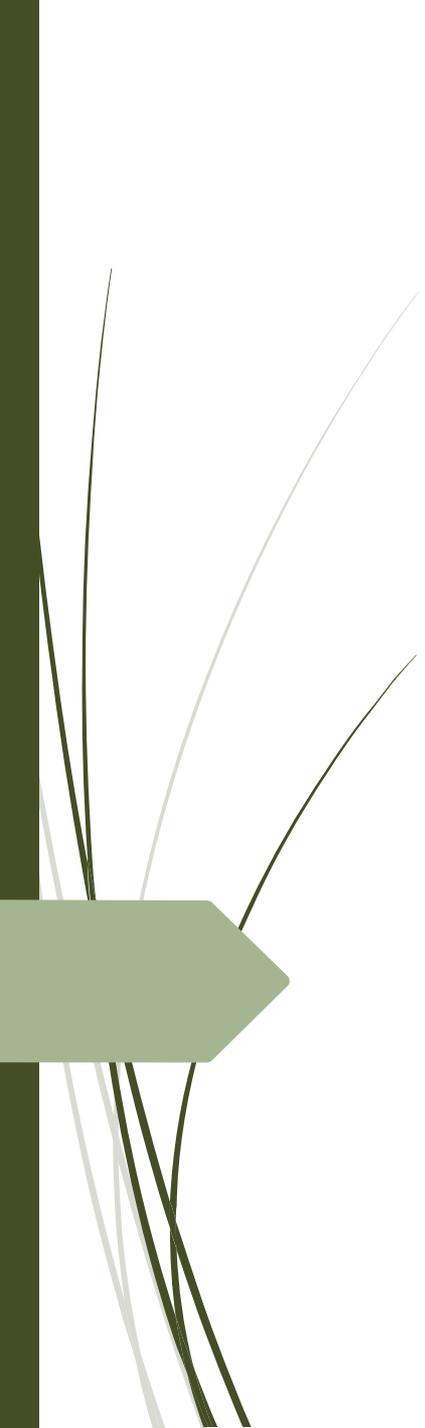


## Outros produtos

- Açúcar: renascimento de regiões já em decadência e abertura de novos centros produtores
- Anil: no Rio de Janeiro, certa prosperidade e rápida decadência (concorrência indiana)
- Café



*Tal contraste entre a decadência da mineração e o progresso das atividades rurais se reflete nas discussões da época: é sensível nelas o prestígio da agricultura, e crescente a descrença na mineração. O balanço entre ambos é quase unânime em favor da primeira. Somente dela esperava-se resultados sérios e um futuro promissor. O país acordara finalmente do seu longo sonho de metais e pedras preciosas...*



# São Paulo

O morgado de Mateus e o restabelecimento da autonomia paulista



# O espaço paulista no final do Setecentos

- Decadência em meados do século XVIII
- Influência da abertura do caminho novo para as Minas em 1733
- São Paulo: extinta em 09 de maio de 1748
- Pombal e a indicação de D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão, morgado de Mateus: restabelecimento da autonomia administrativa em 14 de dezembro de 1764
- Levantamentos populacionais com objetivos militares



# População da Capitania de São Paulo em 1766

	População livre	Porcentagem	Moradias (Famílias)	Porcentagem	Pessoas por moradia	População masculina	População feminina	Índios	População total	Porcentagem
<b>I. Serra Acima: Vilas do Sul **</b>										
São Paulo	3.838		899		4,2	45,79	54,31	743	4.581	
Atibaia	2.425		439		5,6	48,91	51,09		2.425	
Santo Amaro	1.770		377		4,6	50,28	49,71	266	2.036	
Cotia	1.735		349		4,9	50,43	49,56		1.735	
Nazaré (Nazaré Paulista)	1.393		303		4,6	50,68	49,31		1.393	
Guarulhos	1.374		349		3,9	50,87	49,13	233	1.607	
Jaguari (Bragança Paulista)	1.266		280		4,5	51,50	48,49		1.266	
Juqueri (Franco da Rocha)	959		281		3,4	47,55	52,45		959	
Subtotal	14.760	24,39	2.277	18,40				1.242	16.002	25,30
Sorocaba	5.158		1.191		4,3	52,11	47,88		5.158	
Itu e Araritaguaba (Porto Feliz)	2.708		658		4,1	50,26	49,74		2.708	
Parnaíba e Arassariçuama	2.496		599		4,2	50,40	49,59	672	3.168	
Jundiá	1.272		334		3,8	51,73	48,27		1.272	
Mogi-Mirim	1.303		225		5,7	50,49	49,50		1.303	
Mogi-Guaçu	717		160		4,4	50,34	49,65		717	
Subtotal	13.654	22,57	3.167	25,59				672	14.326	22,65
<b>II. Serra Acima: Vilas do Norte</b>										
Pindamonhangaba	1.457		338		4,3	50,58	49,41		1.457	
Taubaté	3.521		780		4,5	48,93	51,06		3.521	
Guaratinguetá	3.339		786		4,3	51,69	48,30		3.339	
Jacaré	2.868		674		4,2	47,42	52,58	364	3.232	
Mogi das Cruzes	2.138		483		4,4	48,78	51,21	458	2.596	
Subtotal	13.323	22,02	3.061	24,73				822	14.145	22,37
<b>III. Marinha: Vilas do Norte</b>										
Santos	2.614		523		4,9	66,29	33,71		2.614	
São Sebastião	1.783		398		4,4	47,61	52,38		1.783	
Ubatuba	1.191		249		4,7	48,86	51,13		1.191	
*** Itanhaém	716		165		4,3	50,55	49,45		716	
São Vicente	577		120		4,7	44,36	55,63		577	
Subtotal	6.881	11,37	1.455	11,75					68.81	10,86
<b>IV. Marinha: Vilas do Sul</b>										
*** Paranaguá e Pilar	4.814		1.109		4,3	50,51	49,49		4.814	
*** Curitiba e São José	4.348		741		5,8	50,50	49,50		4.348	
*** Igape e Xiririca (Eldorado Paulista)	1.811		393		4,6	50,52	49,48		1.811	
*** Cananéia	901		170		5,3	50,61	49,39		901	
Subtotal	11.874	19,62	2.413	19,50					11.874	18,77
<b>Total geral</b>	<b>60.492</b>	<b>99,97</b>	<b>12.373</b>	<b>99,97</b>				<b>2.736</b>	<b>63.228</b>	<b>99,95</b>

\* Fonte: Dados registrados pelo governador da capitania, *DI.*, v. 73, p. 61-5

\*\* Classificação por áreas segundo a documentação oficial. *DI.*, v. 72, p. 114-5

\*\*\* Nas localidades assinaladas foi estimada a população feminina e deduzida a total.

# Riqueza declarada na Capitania de São Paulo, 1765/7

	Riqueza total	Porcentagem	N.º de famílias	Porcentagem	N.º de pessoas	Porcentagem	Riqueza média por família	Riqueza média por pessoa	% da riqueza por cidade
<b>I. Serra Acima: Vilas do Sul</b>									
São Paulo (1765)	266:243\$000		899		3.854		290\$154	69\$082	25,21
Santo amaro (1765)	16:694\$800		377		1.765		44\$283	9\$458	1,58
Cotia (1765)	23:842\$200		376		1.750		63\$410	13\$624	2,25
Nazaré (1767)	12:081\$880		303		1.487		39\$884	8\$127	1,14
Guarulhos (1765)	15:904\$580		312		1.432		50\$976	11\$114	1,50
Juqueri (1766/7)	4:391\$800		154		838		28\$518	5\$240	0,41
Subtotal	339:161\$260	32,11	2.421	24,46	11.125	25,53			
Sorocaba (1765)	103.063\$500		1.081		4.895		95\$340	21\$054	9,75
Itu (1765)	139.430\$200		657		2.728		212\$222	51\$110	13,20
Parnaíba (1765)	60.180\$100		608		2.611		98\$980	23\$048	5,69
Jundiá (1766/7)	30:636\$920		347		1.661		88\$290	18\$444	2,90
Mogi-Mirim (1765)	13:843\$540		242		1.381		57\$204	10\$024	1,31
Mogi-Guaçu (1765)	30:583\$840		210		1.051		145\$637	29\$099	2,89
Subtotal	377:738\$100	35,77	3.145	31,77	14.327	32,87			
<b>II. Serra Acima: Vilas do Norte</b>									
Taubaté (1765)	38:256\$470		859		3.549		44\$536	10\$779	3,62
Guaratinguetá (1765)	80:609\$200		808		3.533		99\$763	22\$816	7,63
Jacareí (1765)	10:364\$500		672		2.864		15\$403	3\$618	0,98
Mogi das Cruzes (1765)	26:771\$200		482		2.124		55\$541	12\$604	2,53
Pindamonhangaba (1766/7)	13:458\$800		337		1.469		39\$937	9\$161	1,27
Subtotal	169:460\$170	16,04	3.158	31,90	13.539	31,06			
<b>III. Marinha: Vilas do Norte</b>									
Santos (1765)	136:004\$600		531		1.627		256\$129	83\$592	12,87
São Sebastião (1765)	18:315\$000		396		1.774		46\$250	10\$324	1,73
Ubatuba (1765)	15:329\$400		246		1.184		62\$314	12\$947	1,45
Subtotal	169:649\$000	16,06	1.173	11,85	4.585	10,52			
Total geral	1.056:008\$530	99,98	9.897	99,98	43.576	99,98	106\$699	24\$233	99,91

\* Fonte: Recenseamentos manuscritos do Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo.



*Nessa população inventariada, é impressionante o número de pessoas que “nada possuem”.  
Compreende 5.352 famílias (54,07%), que representam 21.758 pessoas, ou seja, 49,93% da população.*

## Porcentagem da população sem riqueza em cada localidade

Localidades	Famílias	Pessoas	Localidades	Famílias	Pessoas
Pindamonhangaba	72,39	69,49	Santos	52,91	50,21
Jacareí	70,82	64,72	Nazaré	52,47	47,26
Taubaté	61,80	58,39	Mogi das Cruzes	46,05	42,17
Guaratinguetá	61,74	60,25	Itu	45,37	48,69
São Sebastião	61,36	58,73	Mogi-Mirim	39,40	34,89
Parnaíba	58,87	54,62	Santo Amaro	36,59	30,08
Ubatuba	57,72	53,04	Jundiaí	36,01	28,29
Sorocaba	56,23	52,93	Juqueri	34,40	32,09
Cotia	56,10	54,70	Guarulhos	32,04	28,71
São Paulo	54,05	51,57	Mogi-Guaçu	29,04	22,54



*Outra parcela da população, muito mais numerosa, vivia dispersa de modo irregular, em áreas imensas, deslocando-se continuamente pelas florestas virgens, sem bens de raiz e, de modo geral, “sem móvel que perder”.*



*Junto ao morro os homens constroem sua casa de barro, coberta de palha ou de folhas, e aí vivem com sua família. Como bens dispõe de um cachimbo, uma espingarda para caçar e duas redes, uma na qual dormem, outra com a qual praticam a pesca. Há os que só possuem as redes. Na clareira que abrem na mata, plantam algumas bananeiras, semeiam um pouco de milho, lançando os grãos a mão, na superfície da terra, sobre as cinzas da queimada, que se ateia logo após o abate das árvores. De ordinário permanecem no local apenas cerca de um ano, o quanto duram as operações de desflorestar, semear e colher.*



*Tais são os chamados “sítios volantes”, sobre os  
quais constam numerosas referências do  
governador da Capitania.*

# Riqueza: Gini

Localidades	5% das famílias e da riqueza mais baixas		15% das famílias e da riqueza mais baixas		50% das famílias e da riqueza mais altas		Índice de C. Gini população (com riqueza)	Índice de C. Gini população (Total)
	Famílias	Riqueza	Famílias	Riqueza	Famílias	Riqueza		
São Paulo	40,66 (72,73)	4,88	76,92 (89,40)	19,42	4,41 (2,04)	52,62	0,74	0,88
Santo Amaro	33,05 (57,54)	4,46	61,91 (75,83)	16,23	10,49 (6,68)	46,90	0,61	0,75
Cotia	38,17 (72,86)	3,71	63,00 (83,74)	12,25	3,08 (1,38)	36,74	0,70	0,87
Nazaré	35,41 (69,30)	4,62	64,56 (83,16)	16,45	16,32 (7,27)	55,53	0,60	0,81
Guarulhos	53,77 (68,58)	4,57	73,10 (81,70)	13,07	6,16 (4,21)	49,59	0,75	0,83
Juqueri	40,59 (61,03)	4,62	66,33 (77,90)	14,16	8,92 (5,89)	49,22	0,67	0,78
Sorocaba	48,19 (77,32)	4,74	73,03 (88,30)	15,37	6,81 (3,32)	53,88	0,74	0,89
Itu	44,19 (68,76)	4,19	76,51 (87,93)	15,12	2,74 (1,43)	46,92	0,78	0,88
Parnaíba	41,41 (75,78)	4,68	67,69 (86,62)	16,13	9,21 (3,85)	52,37	0,68	0,87
Jundiaí	47,29 (66,26)	3,93	76,09 (84,68)	19,13	5,91 (3,80)	48,01	0,73	0,83
Mogi-Mirim	28,75 (57,01)	3,76	61,62 (76,84)	14,74	5,54 (3,35)	44,52	0,66	0,80
Mogi-Guaçu	38,24 (56,16)	3,87	65,73 (75,66)	14,22	12,14 (8,64)	54,99	0,66	0,76
Taubaté	52,74 (81,94)	5,13	74,68 (90,31)	14,18	4,92 (1,90)	49,33	0,76	0,91
Guaratinguetá	41,41 (77,56)	5,16	66,31 (87,08)	16,04	6,20 (2,42)	49,91	0,69	0,88
Jacaré	62,24 (88,97)	5,52	80,60 (94,32)	15,35	6,65 (1,98)	54,86	0,77	0,93
Mogi das Cruzes	45,76 (70,72)	5,34	66,91 (82,12)	13,85	9,26 (5,04)	54,65	0,70	0,84
Pindamonhangaba	44,06 (80,57)	4,73	63,41 (87,28)	11,56	8,65 (3,03)	53,53	0,70	0,90
Santos	58,40 (80,38)	5,99	80,00 (90,53)	16,42	3,20 (1,58)	42,98	0,78	0,89
São Sebastião	48,36 (80,03)	4,34	75,14 (90,37)	15,08	5,27 (2,06)	50,99	0,76	0,91
Ubatuba	41,33 (75,18)	6,81	58,63 (82,49)	13,33	4,86 (2,08)	29,03	0,61	0,84

Nota: Para manter constantes os valores de 5% e 15% com riqueza mais baixa e de 50% das famílias com riqueza mais alta, tivemos que ajustar a distribuição das riquezas. Preferimos, contudo, colocar na tabela os dados brutos e, como consequência, temos apenas aproximações daquelas porcentagens.  
Obs.: Entre parênteses a porcentagem sobre a população total.



*A cultura da cana-de-açúcar em São Paulo floresceu no período que vai do início do governo do Morgado de Matheus (1765) até 1851, quando a exportação de café pelo porto de Santos sobrepuja em volume a do açúcar.*

Exportação de "açúcar branco" 1796-1802  
(em arrobas)

	Bahia	Pernambuco	Rio de Janeiro	Santos
1796	676.163	502.538	475.672	11.817
1797	248.696	201.470	222.551	4.406
1798	434.468	342.695	801.088	82.333
1799	373.188	417.114	523.868	-
1800	339.718	365.296	153.035	-
1801	598.985	647.753	870.282	-
1802	163.662	452.857	674.481	-

Fonte: José Jobson Arruda [1980, p.360].

A decorative graphic on the left side of the slide. It features a dark green arrow pointing right at the top, and several thin, curved lines in shades of green and grey extending downwards from the arrow's base.

# Impostos sobre o açúcar e a aguardente paulista

- Dízimo: provincial e geral
- Subsídio literário
- Contribuição literária
- Novo imposto
- Outras taxas provinciais ou municipais com fim determinado
- Imposto sobre o consumo de aguardente



*Sem nos aprofundarmos no assunto, vimos de maneira geral os impostos que recaíam sobre o açúcar e a aguardente. As taxas eram muitas oneravam o produto, dificultavam o comércio e foram sempre causa de inúmeras reclamações, principalmente enquanto durou o sistema de arrematação dessas rendas. O dizimeiro e os outros cobradores eram odiados, pois extorquiam a população para conseguir maior rendimento, prejudicando a agricultura e comércio.*